

Stadium

N.º 38 ★ 25 DE AGOSTO DE 1943



Inácio e Martins, que formaram a equipa mixta que venceu as "duas horas à americana" no festival de domingo (foto C. Madeira)

A Organização Federativa

Centralização ou descentralização

O regulamento geral da Direcção Geral dos Desportos veio definir melhor as funções que cabem à organização federativa do país e dar maior amplitude ao papel que lhe cumpre desempenhar. Dentro deste objectivo, estabeleceram-se três princípios que merecem registro ou comentário.

Por um lado, e nos termos do n.º 2.º do art. 22.º do citado regulamento, as federações nacionais de um desporto passam a representar, perante o Estado, o respectivo ramo de desporto. As suas funções passam, portanto, a ter cunho oficial. Por outro lado, garantiu-se ou procurou-se garantir a estabilidade, noutros moldes, com a obrigação de todas terem a sede em Lisboa. Passa realmente a haver mais estabilidade — quanto à sede e aos serviços que dela dependem, ou seja a secretaria, base de qualquer acção em referência. E fixou-se o princípio de independência entre os diversos poderes em que se subdivide a acção de qualquer federação — direcção própria dita, orientação técnica e funções de julgamento de provas e atletas.

Esta independência de poderes é que justifica os comentários que nos propuzemos fazer. É manifestamente útil, a todos os desportos. É, porém, de anotar igualmente que as federações são, entre as associações desportivas, órgãos que, tendo a mesma hierarquia, sempre têm ou correspondem à mesma expansão. E esta divergência resulta principalmente de dois factos: da pouca expansão de alguns desportos, e das suas características no campo financeiro. Há desportos praticados por pequeno número de pessoas e há desportos que são pobres de finanças, embora alguns deles possam ser ricos de tradições. A reduzida expansão de um desporto abrange em geral atletas e dirigentes.

A Federação de Futebol é um organismo que superintende num desporto de grande expansão e popularidade. É, por isso, a federação que, até agora, tem vivido em melhores condições de receita. Tem uma sede esplendida, para os nossos recursos. Tem uma secretaria bem montada. É vasta a zona de incidência para a escolha dos seus dirigentes. Por estas razões, criou ela mesma a independência entre os seus órgãos de acção — ou função.

O Automóvel Clube de Portugal constitui exemplo idêntico: tem uma sede melhor ainda e a secretaria funciona com regularidade. A sua importância não resulta, porém, da expansão do automobilismo como desporto, mas das receitas que promovem da expansão do automobilismo como meio de viação.

Temos, em contrapartida, para indicar exemplo oposto, a Federação Portuguesa de Esgrima: dirige um desporto

(Conclue na pág. 7)

NOTAS & COMENTÁRIOS

CARLOS Fernandes é uma figura curiosa de historiador desportivo, embora limite em grande parte a sua zona de acção ao *Gimnásio Clube Português*, de que é sócio dedicado há longo número de anos. Os seus trabalhos mais recentes constituem pequenas «plaquettes», que vai oferecendo à direcção do *Gimnásio*.

O trabalho de agora é uma estatística demonstrativa das vantagens da cultura física, por ser comprovativa de quanto a ginástica favorece a longevidade de quem a pratica. Assim, tomando por base um grupo de 70 praticantes da ginástica de aparelhos, no *Gimnásio*, na época de Luis Monteiro, mostra-nos Carlos Fernandes que 4 ultrapassaram a casa dos 90 anos, que um deles conta já a bonita idade de 96 anos, que ha 18 que foram além dos 80 anos, com 9 deles ainda vivos, e que 32 figuram entre os 70 e 80 anos, dos quais 27 também vivos. E existem ainda 7 antigos ginastas que andam perto dos 70 anos.

Todas as idades apontadas, diz Carlos Fernandes que foram atingidas com os interesses em apreçoável desembaraço físico. E é de notar que muitos dos antigos sócios do *Gimnásio* começaram a fazer ginástica sendo rapazes débeis.

Aí está uma estatística que é um título de honra — para o velho *Gimnásio* e para a ginástica. Por este trabalho, apresentamos a Carlos Fernandes as nossas melhores saudações.

RAFAEL Barradas está de novo em Lisboa, há alguns meses, após uma viagem prolongada por vários continentes. O regresso de Rafael Barradas não podia passar despercebido à imprensa da especialidade. Antigo atleta, é e principalmente, um antigo jornalista desportivo, dedicado de preferência ao *sports*, do qual foi crítico dos mais autorizados — em conhecimentos da chamada nobre arte e em isenção pessoal.

Apresentamos a Rafael Barradas os nossos cumprimentos de boas vindas. E ficamos aguardando que materialize a promessa de colaborar conosco, dando à «*Stadium*» o valor e o brilho da sua cooperação.

O Salgueiros tem sido sempre um dos clubes mais populares do Porto. Velho rival do F. C. do Porto, animou grandemente vários campeonatos portugueses, dando réplica valerosa aos campeões regionais. De uma vez, deram-lhe cabo do campo do Covelo — e o Salgueiros atravessou um período desagradável de crise.

Pois o Salgueiros teve este ano uma temporada que é uma promessa de ressurgimento. Ozalá assim seja. Os encarregados do Porto são merecedores de voltar ao primeiro plano dos grandes clubes do país.

EM Espanha há também o desejo do futebol mas é por vezes, e em casos especiais, permitida a realização de jogos sem carácter de competição. Há pouco tempo, disputou-se um desafio de beneficência — entre duas seleções.

Ricardo Zamora, famoso guarda-redes de saídas épicas, voltou a aparecer em campo — como homenagem. E fez ainda alarde de recursos dignos de um jogador em forma.

ANO XI — Lisboa, 25 de Agosto de 1943 — II SÉRIE-N.º 38

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

TAVARES da Silca, o nosso brilhante camarada do «*Diário de Lisboa*», afirma, numa crónica do «*Século Ilustrado*», conceitua o semanário lisboense, que as competições internacionais despertam sempre entusiasmo e brio patriótico, mas que tudo depende da expansão e importância do respectivo desporto.

Assim é, de facto, mas para a sensação desagradável de derrota contribui também o ambiente criado à volta da prova. Ainda agora se deu isso com os pugilistas portugueses que foram a Barcelona. A vitória de Augusto de Souza passou sem rebêdo. E a derrota de Beni Levi causou surpresa — e desânimo. É que Levi criou fama, entre nós. E a sua derrota é de certo modo o fracasso de uma aspiração ao título de campeão da Europa. Foi um ídolo que caiu — pelo menos por enquanto.

DOIS jogadores de futebol, de clubes de primeiro plano, foram castigados — por jogarem durante o desfo. É costume dizer-se que a temporada do popular desporto é dura de mais — para os jogadores. Mas prova-se, afinal, que alguns dos jogadores não gostam do desfo.

HÁ treinadores de boa classe que não conseguem fixar-se nos clubes onde desempenham as suas funções. Desidério Herzech, irmão de Lippo Herzech, é um deles. Tem percorrido boa parte de Portugal, espalhando os seus conhecimentos de futebol e ginástica.

Desidério foi agora preencher a vaga aberta por seu irmão — no *Sport Club de Vila Real*.

LIPPO Herzech parece disposto a fazer escola no Futebol Clube do Porto. Por notícias encontradas na imprensa portuguesa, sabe-se que Lippo Herzech vai dirigir, no clube azul e branco, uma escola de aperfeiçoamento de jogadores de popular desporto, com inscrição aberta a quem deseje aprender o futebol.

É nas escolas que se ensina em melhores condições — de preço e resultado. Bem andam, pois, Lippo e o Futebol Clube do Porto, procurando formar novos jogadores. É útil — e oportuno.

AS primeiras notícias de provas de natação do Porto são dadas pelo grupo de Propaganda da Natação. Está marcado para 19 do próximo mês de Setembro o seu «Dia da Natação».

O programa inclui a sexta prova ciclo-pedestre-natatória, uma travessia do Douro para nadadores, saltos e provas de fôlego — e mergulho.

EM Setúbal, chegou a falar-se no regresso de Mariano Coelho, prestigioso dirigente desportivo, à presidência da Vitória Futebol Clube. Não se confirmou, no entanto, a notícia. A boa representação do Vitória na «Tapa de Portugal» não deixará, porém, de produzir os seus resultados.

AS provas de ciclismo em pista continuam a merecer a simpatia do público. E, por conveniente insistir — até mesmo como ponto de apoio para algumas grandes provas de estrada.

É aproveitar enquanto há tempo. O futebol recomeça em Setembro — e logo que principiem os desafios do popular desporto, cessa, naturalmente, o aproveitamento da pista.

A expansão de «*Stadium*» é cada vez maior. A custa de muito sacrifício, e mereço do cuidado que pomos na sua factura, procuramos corresponder à boa aceitação do público — e o público e os clubes dispensam-nos por vezes atenções que muito nos penhoram.

A «*Stadium*», dentro das características da sua acção, auxilia todas as iniciativas dignas de propaganda. A sua expansão — auxilia a própria expansão do desporto.

O destronamento da bola de marfim

LONGA foi, na realidade, a carreira da bola de marfim no bilhar. Apesar dos graves defeitos que se lhe podiam atribuir, dezenas e dezenas de anos rolaram sem que ela deixasse de imperar como rainha absoluta e inamovível. E que não se divisava a possibilidade de obter que outra substância, com igual equilibrio de resistência, peso e elasticidade, aliás distante das condições ideais, consentisse que a mão do homem a trabalhasse, de molde a conseguir dela as esferas que servem para a prática desportiva da carambola. Entre os «senhores» de que os técnicos acusavam a bola de marfim, contavam-se como mais importantes a sua desigual densidade, o desnivelamento do peso no mesmo jogo de bolas e a deslocação do centro geométrico resultante de uma precária homogeneidade do marfim, mais ou menos acentuada conforme a região do dente de elefante de que aquele fosse extraído. Estes os inconvenientes sensíveis e observáveis, porque outros, entre os quais o relativamente frêdo desenvolvimento dos «efeitos» imprimidos pela tacada e o ruído do choque, que feria desagradavelmente o tímpano, só foi possível haver noção deles mais tarde, por comparação com a bola de massa, que recebendo e desenvolvendo melhor aqueles «efeitos», soava no contacto com a velocidade suavidade. Isto sem falar no alto preço que distinguia a bola de marfim, variável com a perfeição dos jogos obtidos, mas sempre demasiadamente onerosos — o elevado custo dela concorrendo para dificultar a sua substituição e forçar do mesmo passo a utilizá-la com o diâmetro demasiadamente reduzido por sucessivos torneamentos.

A bola de bilhar usada em nossos dias não apareceu desde logo com a perfeição e qualidades que todos lhe conhecemos.

Como tudo o que neste mundo terráqueo exprime ou constitui progresso material, a obtenção da substância plástica que tornou viável o fabrico de bolas de bilhar, da bola a que os franceses chamam de «composition», representa um largo somatório de trabalhos de pesquisa, de ensaios laboratoriais, de pacientes estudos e, porventura, de desesperos e temporárias renúncias gerados por suposta impotência para vencer, logo seguidos de novos alentos e novas esperanças.

O melhor nem sempre é o bom, sendo que o primeiro traduz a que o ingenho humano e os meios materiais à disposição tornam alcançável e o segundo a meta que se escapa sem cessar à nossa perseguição, num estímulo permanente à actividade e ao espirito realizador que nos distinguem. O mesmo conceito é aplicável à bola de bilhar, de fabrico, que definitivamente destronou a de marfim natural. Mas certo é que aquela já oferece condições de jogo reputáveis de esplêndidas, permitindo ao bilharista a realização de carambolas antes inconcebíveis ou difíceis em extremo, no capítulo da carambola brilhante, de virtuosidade. O jogo de fantasia ganhou com isso novas e mais amplas perspectivas, e o de outras modalidades melhores condições de precisão, que conduziram a novos e desconcertantes «records».

Na última Exposição Internacional de Paris, numa conferência feita no Pavilhão das Matérias Plásticas, perante uma assistência composta de fabricantes, bilharistas consumados, elementos marcantes nos meios desportivos e personalidades pertencentes ao ensino técnico, narrou Marc Ringelissen, engenheiro químico do Instituto de Química da Faculdade de Ciências de Paris, os trabalhos que levaram à obtenção da bola de fabrico «For». A conferência foi seguida de uma sessão de bilhar com bolas daquele tipo, sendo as partidas disputadas pelos conhecidos internacionais Ranson, Lagache, Miro, Van Leemput e o fenomenal Conti, a maravilha de todos os tempos, o jogador que chegou a possuir os «records» mundiais de todas as modali-

des. As boas qualidades da bola «en composition» obtiveram mais um êxito confirmador. Conti registou em duas partidas ao quadro 45/2, as médias de 50,00 e 56,36, com duas séries de 86 e 183 carambolas, defrontando Ranson e Van Leemput. Lagache conseguiu, contra Miro, «as 3 tabelas», a média de 0,657 e uma série de 6 carambolas.

Ringelissen começou assim: Há cinco anos, exactamente em Dezembro de 1932, fui solicitado por um negociante de marfim para fazer um estudo assas curioso. Sabeis, me disse ele, que o marfim é um excelente material cujos resíduos provenientes do seu torneamento e escultura são consideráveis. O marfim é caro. Precisava-se tentar, com esses resíduos, fazer novos blocos de marfim, placas, bolas, etc. Ter-se-ia assim marfim regenerado, com um valor comercial superior ao dos restos que, até agora, servem apenas para fazer o negro de marfim, por calcinação. Desde então, afirmou Ringelissen, tentei primeiramente pulverizar os resíduos de marfim. O problema era difícil, mas cheguei a obter, utilizando resíduos sujos e de todas as formas, um pó branco. Era preciso, em seguida, incorporar nesse pó uma matéria plástica que permitisse a moldagem e aglutinasse o pó de marfim. Pensei logo nos materiais plásticos derivados da ureia e do formol, e foi nessa altura que o engenheiro químico Fornells entrou em cena. Não preciso de dizer-vos qual é a sua competência em assuntos de materiais moldados e de moldagem. Da primeira tentativa, ele obteve logo uma bola magnífica, e foi então que me deu conhecimento das suas pesquisas e trabalhos.

Reparai bem, prosseguiu Ringelissen dirigindo-se ao seu numeroso e interessado auditorio, que todo o trabalho que efectuelo inspirava o facto de que, desde muitos anos, sómente o marfim se empregava no bilhar, tendo-me rapidamente apercebido da superioridade das bolas que não se chamavam ainda «For» sobre as bolas de marfim. Sabeis que este se extrai, onso exprimir-me assim, do elefante. A ponta da defesa é macia mas depressa se torna óca e de cada vez mais à medida que se aproxima da queixada do animal. Ora com uma defesa de elefante podem fazer-se 3 a 4 bolas de primeira escolha, tiradas da ponta. Mas, a densidade do marfim diminui da ponta para a outra extremidade. Disto resultam bolas que não são nem podem ser homogêneas. Uma parte da bola não tem a mesma densidade que a outra. E isto que provoca o fenómeno bem conhecido de a bola parar e pôr-se novamente em movimento sobre o seu lado mais leve. Além disso, torneadas as bolas até 67,5 mm., é muito difícil obter um jogo de três bolas que pesem o mesmo, com erro aproximado a menos de um grama. Enfim, o marfim é ainda uma substância que contém água. Bem se tentou secar a bola, mas logo acontecia que ela não ficava rigorosamente esférica. Era preciso, então, torneá-la de novo e torneá-la com três bolas do jogo. Estas são as dificuldades que elevam muito o preço dos jogos de bolas para campeonatos. Para

Acontecimentos da semana

ASSEMBLEIAS — Efectuaram-se as reuniões habituais, para aprovação de contas e novas eleições, no Sporting, Unidos, Chelas, Fósforos, Desportivo Operário e outras colectividades.

ATLETISMO — O Académico obteve 10 títulos e 52 pontos, nos campeonatos regionais do norte, seniores. A seguir classificaram-se: F. C. do Porto, 41 pontos e 7 títulos; Salgueiros, 28 pontos e 3 títulos; Académico de Braga, 7 pontos e 1 título.

— António Cadete bateu o «record» nacional do lançamento do dardo, atirando o engenho a 50^m,98.

CICLISMO — António Carlos, do Rio Leça, ganhou em Matozinhos, uma corrida de 70 quilómetros para amadores júniores.

HOMENAGENS — Na assembleia geral do Chelas foi prestada homenagem póstuma a Armínio José de Carvalho, um chelense que deixou profunda saudades e era um exemplo de desportistas.

— O Sporting de Oeiras prestou homenagem à sua equipa de «hockey» em patins.

INAUGURAÇÕES — O Sporting de Lourel inaugurou a sua sede, com várias solenidades de vulto.

NATAÇÃO — A travessia do Tejo, organização do Pedrouços, foi ganha por Vitor Franco, em 41 m. 25 s. O veterano Alves Miguel classificou-se em segundo lugar. Natercia Salema ganhou a prova de senhoras.

— Carlos Silva, do Salgueiros, ganhou a III «Milha da Foz», em 28 minutos e com avanço de 200 metros sobre Jacinto Santiago, do Escola Náutica.

— Na piscina de Espinho disputaram-se os campeonatos do norte de seniores e juniores.

TIRO A CHUMBO — Moura Bastos, do Porto, ganhou um torneio aos pombos disputado em San Sebastian. Era o único português inscrito.

VELA — São campeões da «Mocidade Portuguesa»: Roberto Roquette, em «dusitos»; Fernando Pessoa, em «vongas»; Joaquim Fiuza, em «stars»; Penha Lopes, em «sharpies» de 9^m; e João Tito e Manuel Soares, em «sharpies» de 12^m.

HANDBALL

A assembleia da Associação de Lisboa

A assembleia geral da Associação de Lisboa está marcada para o próximo dia 27. A discussão e votação do relatório da gerência, que nesse dia depõe o seu mandato, pertence à respectiva ordem dos trabalhos.

baixar o preço de fabrico empregaram-se também bolas tiradas de uma região da defesa na parte óca, preenchendo-se o vazio com uma cavilha de marfim, o que destrua o equilibrio da bola. Conhecéis, certamente, as bolas que apresentam um pequeno círculo muito visível e que é a junção da cavilha com o corpo da bola. Falemos, agora, continuou o conferencista, das bolas chamadas de fabrico.

(Continua no próximo número)

LIVROS DE DESPORTO

«O ATLETISMO» (Técnica, Tática e Regulamentos).

Um livro de 300 páginas com 100 gravuras, escrito pelo consagrado técnico e conhecido jornalista EDUARDO SOARES.

O mais completo tratado sobre atletismo que se tem publicado em língua portuguesa! Preço: 10\$30.

«TRATADO DE NATAÇÃO»

é uma obra de John Mac Monegal e de Luiz Guerreiro de Sá — dois dos mais completos treinadores da modalidade — que todo o nadador deve ler. Os «estilos», as «viragens» e os «saltos», são minuciosamente estudados neste livro completíssimo. Preço: 8\$00.

À venda em todas as livrarias do País
Edições de DOMINGOS BARREIRA, Livraria Simões Lopes, Rua do Almada, 119 — Porto.
Depósito em Lisboa: Rua da Conceição, 125, 1.º Esq.

Vilavenense Foot-Ball Club

exemplo de dedicação pelo desporto



DE entre tantas vilas de importância no nosso país, Vila Nova de Gaia sobressai pelo seu valor comercial, industrial e desportivo.

Em leve bosquejo histórico, diremos que esta vila, cuja autonomia administrativa vem desde o reinado de D. Maria II, depois de ter estado subordinada à cidade do Porto, da qual constituía um terceiro bairro, teve o seu primeiro foral em 1253, concedido por D. Afonso III. Desde esses tempos remotos, a primitiva Gaia foi-se desenvolvendo, crescendo em população e em actividade mercantil.

Desportivamente, «mea vila de Gaya» — assim lhe chamou o «Bolonhês» — tem também importância extraordinária, tendo sido berço de atletas que representaram o nosso país em pugnas com os seleccionados de além fronteiras. Nela se praticam quasi todas as modalidades desportivas e os seus agrupamentos contam centenas de praticantes, apolados por boa massa associativa.

Entre as colectividades que Vila Nova de Gaia alberga uma há que tem merecido das autoridades carinhoso acentuado, por justo e devido: o Vilavenense F. C.

Fundado em 1914 por um grupo de estudantes do Colégio Alcantara Carreira, que ao tempo funcionava no segundo andar de um prédio da Praça da Trindade, o seu nome derivou de outra escola que também existia, nesse tempo, na rua Direita ou na Estrada Nova, não podemos precisar, propriedade de um professor de nome Cardoso — cujos espirros o tornaram célebre entre a estudantada e cujo colégio tinha o nome de «Vilavenense».

Assim, nascido de um e baptisado por outro, o Vilavenense F. C. tinha de ser, como é, o orgulho dos norienhos, o «menino bonito» dos que, nados em Gaia, como nós, amam e estremeecem tudo o que lhe pertence.

Larga tem sido a sua projecção nos acontecimentos desportivos nacionais, concorrendo com o seu esforço para o desenvolvimento, inicio e prática de muitas modalidades. Foi fundador da Federação Portuguesa de «Lawn-Tennis» e introdutor no Norte do «hockey» em campo — primeiro clube que o praticou com regularidade e venceu a taça «Dr. Torres Pelxoto», instituída para o torneio inaugural desta modalidade.

Campeão, em diversas épocas, de futebol, «hand-ball», «hockey» e «basket-ball», conta no seu «palmarés» 15 campeonatos regionais do Norte, 3 do Porto, seis nacionais e um de juniores do Norte em atletismo. Não são de exigir mais provas do seu valor desportivo.

Mas não ficou por aqui a acção do Vilavenense.

O seu parque de jogos é um mimo. Não conhecemos outro mais completo, com mais finalidade desportiva, onde se haja tido tanto cuidado — para os da casa e para os estranhos. Desde os balneários, de hygiene extrema, até ao recinto de futebol — provido de bocas de água em toda a volta, já com vista ao próximo arrelvamento do terreno, e dotado com excelentes bancadas em toda a face sul, aos campos de «tennis», «basket», etc., tudo é bom, perfeito, tudo está no seu lugar, provido do que é indispensável para o funcionamento regular.

Depois o Vilavenense cuida da educação desportiva e civica dos seus atletas. Tudo é exemplo não, correção desportiva. Vejamos os dizeres de alguns painéis de azulejos, fixados nos muros dos balneários e do campo. Et-os prontos a todos os comentários:

«Desmantas o teu amor pelo Vilavenense se o não respeitares em tudo, e não fôres cortês para com os clubes que o defrontam».

«Nesta casa, meu amigo, cabe toda a gente boa; e não sou eu que to digo, mas sim a tua pessoa».

E' massa unida, homogénea, felix de homens que constituem um todo unico, de compreensão definitiva, de respeito

(Continua na página 11)



A actual direcção do V. F. C.



«Raça», do escultor Henrique Moreira, destinada ao novo ginásio do clube



O futuro ginásio do Vilavenense

Corrija o seu ESTILO

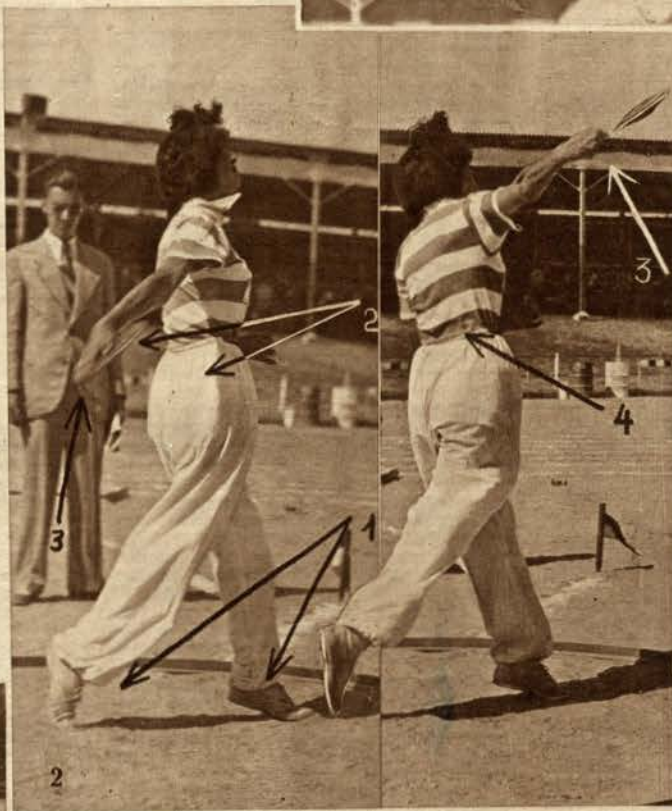
A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

1—Fernando de Matos Fernandes, campeão de saltos em altura.

1—Os dois braços puxam para cima da barra, mas deveriam puxar já também neste momento do salto para baixo e para diante, a fim de descer o troço superior do tronco, horizontalizar o corpo e auxiliar a subida da bacia. Excelente posição da cabeça e melhor posição do braço direito do que do esquerdo, que subiu inutilmente além do plano da cabeça, arrastando o saltador fora do sentido conveniente.

2—No estilo de Matos Fernandes existe uma nota pessoal, que é o timbre de todo o campeão, o qual não copia servilmente o estilo de qualquer consagrado, antes o adapta às suas próprias faculdades; assim, nem executa o rolamento californiano de Johnson nem a valsa canadiana de Albritton. Reconhecendo que seria erro procurar impôr pretensões classicismos, estes comentários visam apenas o que se nos afigura defeito patente na mecânica pessoal do saltador. O principal, aquêle que o fez derrubar nas tentativas para o "récord", julgou ser esta posição da perna esquerda.

O joelho e a perna deviam vir mais próximos da outra perna, o pé mais recuado em relação ao joelho, para facilitar no vértice do salto o movimento de abdução da coxa que inicia a queda e contribue para a esquivada da anca, quasi sempre o factor de derrube.



Temos em nosso poder uma outra fotografia do mesmo atleta, tirada ainda na fase de subida, que nos mostra bem o defeito na direcção de lançamento dos braços e na trajetória do membro inferior de chamada; guardámo-la para próximo comentário, que a classe do alvejado bem merece.

2—Ester Conceição Ramos, detentora do "récord" nacional do lançamento do disco.

Eu escrevi uma vez que a Ester era "o melhor discóbolo português" e mantenho a opinião: o seu movimento é todo harmonia, descontração, eficiência. Ora vejam:

1—Os dois pés em apoio (é pena que tenha levantado o calcanhar esquerdo), a perna esquerda estendida e a bacia avançada sobre a vertical da perna anterior;

2—A bacia e o tronco rodaram para a esquerda, puxado pelo braço esquerdo e empurrado pela perna direita, antecedendo o braço portador do disco cujo movimento de funda assim acelerou.

3—A trajetória do braço é helicoidal ascendente e o disco parte de face para baixo, como mandam as regras, e quando o braço atingiu o afastamento lateral máximo.

4—Tronco de frente para o campo de lançamento e sem flexão lateral esquerda, embora, como também mandam as regras, o ombro esquerdo esteja mais baixo do que o direito.

3—Emídio Santos Ruivo, detentor do "récord" nacional do lançamento do péso.

1—Flexão e torção do tronco insuficientes; o peso do corpo devia assentar mais sobre a perna direita, a fim de beneficiar de todo o impulso de extensão. Bom afastamento dos pés, cuja posição relativa é também exacta.

2—Queríamos o cotovelo mais afastado do tronco (no prolongamento da linha escapular) e mais recuado ainda.

3—Consideramos nociva a tracção posterior do braço esquerdo estendido; mantendo-o flectido pelo cotovelo pode imprimir-se a este mais enérgica esticção para baixo e para traz, movimento essencial para trazer o ombro direito à posição firme de onde parte a extensão fulminante do braço lançador.

4—O péso assenta na parte digital da palma da mão, bem amparado pelo polegar e pelo mínimo e a mão mantém-se com a face portadora voltada para a frente.



Os campeonatos nacionais de natação

effectuam-se este ano em Espinho, nos dias 28 e 29 do corrente

ESTÃO marcados para sábado e domingo próximos os campeonatos nacionais de natação e saltos. Como de costume nos últimos anos, por necessidades de propaganda e dificuldades de organização em Lisboa, os campeonatos disputam-se fora da capital. A escolha recaiu, desta vez, em Espinho, a linda praia do norte do país.

Ora em Espinho inaugurou-se, há pouco tempo, uma piscina-solário que é das mais vastas da Europa, no que respeita às dimensões do tanque para provas. Após uma série de campeonatos organizados na zona central do país, entre Lisboa e Porto, e depois das provas levadas a efeito, no ano findo, no lago do Palácio de Cristal, em pleno Porto, a escolha de Espinho é útil e oportuna como pretexto para refinação dos melhores nadadores portugueses em local de certo modo neutro, que é ao mesmo tempo sede de um centro desportivo de notável vibração.

Estes nadadores continuam agrupados, de um modo geral, nos clubes da capital, em Coimbra, sempre em franco progresso, e em Aveiro, uma das cidades de melhores tradições na natação, núcleo que deu à natação lusitana alguns campeões de rija ténpera. Mas o Porto tem ainda, entre a gente nova, um ou outro nome perceptível de recordar os tempos em que o norte do país tinha nadadores e nadadoras de primeiro plano, capazes de levar para a sua região o título glorioso de campeão de Portugal.

As provas deste ano estão despertando grande entusiasmo, mesmo fora de Lisboa. Ao período, que abrange vários anos, de acentuada superioridade dos nadadores do Sport Algés e Dafundo, sucedeu, este ano, a fase de uma apertada rivalidade desportiva com o Alhandra Sporting Clube, onde há um campeão de invulgar recursos, Joaquim Baptista Pereira, e outro nadador, Jofre de Carvalho, excelente em provas de meio-fundo e fundo, e com o Estoril Praia, que conta, actualmente, representação brilhante e valorosa.

Bastariam estes três clubes para dar valor às jornadas de sábado e domingo próximos.

Além destes merecem registo os nadadores de Coimbra e Aveiro. Alguns dos seus campeões regionais têm estado para lutar com os nadadores da capital em plano de igualdade — e que não deixam nunca de lutar com entusiasmo pela supremacia das regiões a que pertencem.

A representação feminina tem este ano valor especial, que resulta principalmente do valor de cada uma das possíveis concorrentes. Esta luta deve alargar-se ao Porto, onde existem elementos de grandes qualidades.

Em saltos há excelentes atletas, em Lisboa e no Porto.

Por tudo isto, voltamos a afirmar que os campeonatos nacionais estão a despertar entusiasmo, devendo por isso dar origem a duas excelentes jornadas de propaganda, visto que nele tomam parte o que há de melhor entre os clubes da especialidade de todo o país. Sucede, porém, que a Federação Portuguesa de Natação se esmera sempre na preparação e organização dos seus festivais.

A piscina de Espinho

A piscina de Espinho, propriedade da Empresa de Melhoramentos daquela praia, encontra-se situada à beira-mar e abrange dois quarteirões, com o comprimento de 127 metros no sentido norte-sul. Possui dois tanques — um, para adultos, com as dimensões de 50 x 22 metros, e outro, para crianças, com 20 x 10 metros. Ambos os tanques são alimentados com água do mar, captada em seis poços, com filtração e esterilização, sendo permanentemente renovada.

A piscina grande tem uma torre de saltos de 10 m. de altura, com pranchas a 3^o, 6^o, 6 e 10 m. Dispõe de 300 cabanas individuais, além

de cabanas colectivas, para adultos e para crianças, separadamente. Tem ginásio, restaurante, «bar», «dancing» e vários atractivos.

Tem um solário, com capacidade para 600 pessoas, além dos terraços que podem computar outras tantas.

A organização das provas

O programa dos dois festivais compreende as seguintes provas:

Homens — 100, 200, 400, 1.500 e 4 x 200 m. livres; 200 m. de bruços; 100 m. de costas; e saltos.

Senhoras — 100, 200 e 400 m. livres; 200 m. de bruços e 100 m. de costas.

Estão em preparação, com inscrição aberta a todo o país, as seguintes provas complementares:

Infantis — 50 m. livres, 50 m. de bruços; 50 m. de costas e estafeta de 3 x 50 m. livres.

Inscrição livre, principiantes e juniores — 50 m. livres; 50 m. de bruços; 50 m. de costas e estafetas de 3 x 50 m., em três estilos, e de 3 x 50 m. livres.

Alguns nomes

Na altura que temos de coligir estas notas não são ainda conhecidas as inscrições. Calcula-se que concorrerão nadadores e saltadores das associações de Lisboa, Coimbra, Aveiro e Porto, e nadadores de Lisboa, Coimbra e Porto.

Com excepção de Mário Simas, de viagem na Alemanha, tomam parte no campeonato os melhores nadadores dos clubes da capital, incluindo nesta designação o Alhandra. Bessone Basto Júnior, Herculano Trovão, Artur Malheiro da Silva, António Jardine Neto, Fernando Leal e Afonso Gonçalves, em seniores e juniores, devem ser os melhores representantes do Algés; João da Silva Marques, do Unidos, vai tentar alargar o número de campeonatos ganhos há anos, sem interrupção. Joaquim Baptista Pereira é um campeão na plenitude das suas faculdades, e Jofre de Carvalho um nadador de boa libra.

Entre esse núcleo aguerrido e valoroso, há que contar os nomes de João Mira Gomes, Júlio Mendes da Silva e Artur Mendes da Silva, por parte do Estoril Praia, concorrendo individualmente. O duelo Júlio Mendes da Silva — João da Silva Marques é apreciado com grande interesse. João Mira Gomes ganhou bem alguns campeonatos regionais — e Artur Mendes da Silva bateu alguns «records» nacionais em provas de costas.

Coimbra alinhava alguns nadadores categorizados. Luís Lopes da Conceição é um «out-siders» perigoso em várias provas, especialmente nos 100 m. de costas, de que é campeão e «recordman» regional. Mas é também campeão regional de 100, 200 e 1500 m. livres. A dificuldade, para ele, está em escolher a prova onde possa brilhar mais. Luís Fidalgo, Adelino Lebre e Paulo Moura Relvas, que se quiser passar à categoria superior, são elementos capazes de dar emoção à luta pela boa representação da sua unidade.

Por parte de Aveiro, Porto e Figueira da Foz não se sabe ainda quem alinhará. O Porto tem, no entanto, um saltador esplêndido: Fernando Barbedo Júnior.

A luta nas provas femininas promete muitas surpresas: Maria de Lourdes Bessone Basto, do Algés, e Rosa Lopes, do Atlético de Lisboa. Mas por parte de Coimbra a representação conta a seu favor a posse de alguns campeonatos nacionais — Maria Isabel Costa, nada o «crawl» de costas em excelente estilo e parece em magnífica forma; e Natália Veiga, em estilo livre, e Lida Raposo, em bruços, são nadadoras de passado brilhante. O Feminino Atlético, do Porto, conta este ano algumas nadadoras de grande futuro.

ROSA LOPES

Uma «certeza» da nossa natação

EXAMINADO a frio, comparado com épocas anteriores, o momento presente é de crise para o desporto feminino.

A discussão do problema, aliás algo complicada, não tem lugar neste momento. Reforçamos nos ao facto apenas para, pela lei dos contrastes, pôrmos em realce o trabalho bem orientado e o espírito perseverante que a nadadora Rosa Lopes sempre tem evidenciado e cujos resultados práticos estão agora a aparecer, traduzidos já esta época em três «records» batidos: os dos 100, 200 e 400 metros-bruços seniores principiantes.

Estas quedas de «records» conseguidas de maneira quase matemática, atestam bem o valor e a «forma» actual de Rosa Lopes. A simpática «estrela» do Atlético Clube de Portugal é hoje, embora com dezasseis anos apenas, uma das nossas nadadoras de primeiro plano — que, aliás, bem poucas são.

Todavia, os feitos de Rosa Lopes apenas devem ser tomados à conta de promessas. Promessas de futuros e mais valiosos cometimentos, que a idade e as faculdades pouco vulgares de Rosa Lopes amplamente justificam. E a reportagem, por demais oportuna, tem, assim, o duplo aspecto de recompensa e de estímulo.

A poucas pessoas como a Rosa Lopes se poderá aplicar com inteira propriedade a frase: nasceu para nadar.

De facto, Rosa Lopes aos seis anos e meio já nadava. Aprendeu no pósto náutico do Caracvelinhos e, aos sete anos, atravessava, com espanto geral, a doca em toda a sua largura — cerca de 300 metros.

Cedo começou a entrar em provas de competição, datando de 1939 o seu primeiro título: o campeonato regional dos 66 metros-bruços meninas.

E nos anos seguintes, 1940, 1941 e 1942, repetiu a proeza, coleccionando assim quatro campeonatos como «infantil».

E citemos ainda, em 1942, a conquista do título de campeã nacional escolar dos 66 metros-bruços meninas, em representação da Escola Comercial de Ferreira Borges.

A vitória de Rosa Lopes neste campeonato nacional mereceu-lhe recompensa significativa. Foi o facto de o director da referida escola ter mandado colocar no seu gabinete o retrato de Rosa Lopes com todas as medalhas até aí conquistadas. E a fotografia lá está, ao lado da de Mário Simas, como ela aluno da Ferreira Borges.

Campeã regional de 66 metros-bruços, senhoras principiantes, Rosa Lopes tem por este «estilo» uma predilecção especial. Prefere-o, de longe, a todos os outros, embora nade com perfeição e dispute provas nos três «estilos» mais vulgarizados.

Rosa Lopes é «principiante». Como tal, não tem direito a participar nos campeonatos nacionais por conta da Federação de Natação, pois estes são reservados aos nadadores juniores e seniores.

Todavia, a «forma» actual de Rosa Lopes permite encarar com optimismo a sua participação nos referidos campeonatos.

Por isso, o Atlético Clube de Portugal está na disposição de arcar com as despesas de deslocação de Rosa Lopes as provas máximas da natação portuguesa.

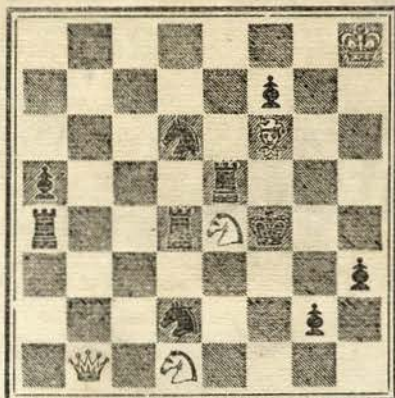
Este facto encheu de júbilo a insinuante campeã do popular grémio alcantarense.

A verdade é esta: Rosa Lopes «sonha» com uma vitória no campeonato nacional dos 200 metros-bruços!

Assim no-lo afirmou, num sorriso franco de optimista convicção.



ABREU TORRES



1.º prêmio Mate em a lances

Solução do Problema n.º 4: 1. Rd1 (ameaçando a. Dxd7 !!)

Esta notável composição de Foschini apresenta, como atractivo principal, interessantíssimos exemplos de obstrução-intercepção e dual evitado por pregagem e despreagem, além de jogo acessório de grande valor.

O problema foi resolvido pelos srs.:

Carlos de Araújo Pires, Lisboa; Carlos M. Costa, Lisboa; «Latino», Alcobaça; dr. G. Ribeiro, Lisboa; A. David, Lisboa; Daniel de Sousa, Pôrto; Alberto Mesquita, Lisboa; e Artur Pinto Neves, Figueira da Foz.

PARTIDA N.º 4

Jogada no Campeonato de Lisboa, 1943

Partida Espanhola-defesa fechada

Br.: Eng. Rodrigues da Silva Pr.: F. Lupi

1. e2-e4. As estatísticas revelam que este lance, como abertura de partida, é o mais usado pelos xadrezistas portugueses. Isto é natural se atendermos que outros sistemas, como o gambito da Dama, arrastam as partidas para os chamados jogos posicionais, o que não está em conformidade com os conhecimentos teóricos nem com o temperamento da maioria dos nossos jogadores.

1...e7-e5; 2. C-f3, C-c6; 3. B-b5, o lance que caracteriza a Partida Espanhola, assim denominada por ter sido essa a nacionalidade do seu autor, Ruy Lopez. Praticada há muitos anos (desde fins do século XVI) esta abertura é adoptada, hoje, frequentemente, em todo o mundo, o que se justifica pelas profundas análises de grandes Mestres contemporâneos. 3...a7-a6; — a defesa Morphy. Os teóricos modernos não têm dúvidas em classificá-la como a melhor variante que se apresenta às pretas. 4. B-b4, Cf6; 5. o-o, b7-b5; 6. B-b3, B-e7; 7. e2-e3. O condutor das brancas não recela as grandes complicações que por ventura advenham de 7...Cxe4. Correcto é 7. Te1, o que, aliás, se jogou no lance seguinte, enveredando pela variante principal da «defesa fechada da Partida Espanhola». 7...o-o; 8. Te1, d7-d6; 9. h2-h3, indispensável para evitar a pregagem do Cf3 pelo B-g4, considerado por alguns teóricos como emancipação das pretas. 9...Ca5; 10. B-c2, e7-e5; 11. d2-d4, D-c7; 12. Cb1-d2, B-d7; 13. b2-b3, e5xd4; 14. e3xd4, D-c3; este lance compromete o escasso desenvolvimento das pretas porque constitue uma grave perda de tempo, o que a continuação se encarregará de provar: 15. B-a3, b4? Perdendo um peão sem compensação alguma. 16. T-e3, D-c7; 17. Bxb4, e5xf5; 18. Cxd4, Ta8-c8; 19. T-a1, D-b6; 20. C-f5, Bxf5; 21. Bxa5, Dxa5; 22. exf5, C-d5; 23. T-g3, B-h4; 24. C-c4, D-c5; 25. Tf3, Tf8-e8; 26. B-b1. Com os últimos lances, as

(Conclua na pag. 14)

O próximo torneio de «water-polo»

patrocinado pela «Stadium»

CADA vez nos vamos convencendo mais da utilidade da nossa campanha. Aqui e acolá começam a aparecer sintomas evidentes de interesse pelo «water-polo».

Os clubes que mantêm secções de natação começam, também, a interessar-se. De facto assim deve suceder. Não se justifica que onde haja um núcleo de nadadores não exista simultaneamente um ou mais grupos de «water-polo».

São modalidades afins. Existindo uma, não se compreende que a outra esteja posta de parte.

Há, portanto, que fazê-lo ressurgir, custe o custar. Por isso temos pugnado. E pugnaremos...

Na passada semana registou-se, no entanto, um acontecimento que não podemos deixar passar em claro. No festival realizado na piscina do Alhandra Sporting Clube, a que deu o seu concurso o Estoril Plage, estes dois clubes disputaram entre si um encontro de «water-polo».

Não é a primeira vez que em Alhandra se joga «water-polo», bem o sabemos. Mas o facto merece que lhe demos o merecido relevo. Por agora, pouco importa inquirir qual seja o nível técnico das referidas equipas. Consolet-nos apenas registar que se exibiram, quer dizer, que dentro do Alhandra e dentro do Estoril Plage se trabalha em prol do «water-polo». Tanto nos basta. E o progresso, o aperfeiçoamento técnico, a melhoria de «formas» virá depois, com o tempo, na devida altura.

Alhandra e Estoril Plage serão, de certo, concorrentes ao torneio que a Federação Portuguesa de Natação organiza com o patrocínio da «Stadium», dando corpo a uma idéia lançada nestas colunas.

O torneio efectuar-se-á em Setembro. O tempo urge, portanto. Há que trabalhar consciante e proficuamente. Por nossa parte, falámos a tempo e horas. Assim os clubes nos tenham acompanhado...

Conforme prometemos, publicamos a seguir, na íntegra, o regulamento elaborado pela Federação Portuguesa de Natação.

Artigo 1.º — A F. P. N., no melhor desejo de fazer reviver o «water-polo» de competição, organza um torneio, que servirá de preparação para o reinício da organização dos campeonatos regionais da época de 1944.

Art.º 2.º — Ao torneio podem concorrer os clubes filiados na F. P. N., e a inscrição que é grátis, deverá previamente ser visada pela sua Associação Regional, que atestarà o licenciamento dos seus jogadores.

Art.º 3.º — Só podem inscrever-se no torneio nadadores seniors e juniores que não tenham tomado parte em jogos de competição

ORGANIZAÇÃO FEDERATIVA

(Conclusão da pag. 2)

de brilhantes tradições mas cuja prática se limita quasi a Lisboa, ainda que se alargue também ao Pôrto.

Poderíamos citar outros exemplos, mas o espaço começa a faltar. Fechamos por isso estas considerações com a indicação de que a centralização ou descentralização de funções, nos organismos federativos, tem dependido, entre nós, das condições de expansão e de vida do respectivo desporto. Têm todas a mesma função representativa e dirigente. Mas a constituição interna e as facilidades ou dificuldades de funcionamento dependem de factores muitas vezes alheios à boa vontade dos dirigentes. r., pois, preciso um trabalho de adaptação às novas directrizes.

oficial, não sendo permitida a inscrição de nadadores principiantes de harmonia com o disposto no § 1.º do Art.º 108.º do Regulamento Desportivo da F. P. N.

Art.º 4.º — A F. P. N. tomará a seu cargo a organização do torneio em Lisboa, e delegará nas Associações do Pôrto, Coimbra e Aveiro — que o queiram fazer — a organização dos torneios na sua área.

Art.º 5.º — O torneio será disputado, tecnicamente, de harmonia com as disposições anteriormente adoptadas, enquanto não forem elaboradas novas regras para as competições futuras.

Art.º 6.º — O torneio, que se realizará no mês de Setembro, será disputado em «poule», numa só mão, sendo o vencedor o clube que totalise maior número de pontos.

Art.º 7.º — Em caso de empate para o primeiro lugar, o desempate far-se-á pelo resultado entre as equipas empatadas. Verificado novo empate, recorrer-se-á ao melhor resultado na marcação geral. Subsistindo o empate, realizar-se-á novo jogo para apurar o vencedor.

Art.º 8.º — A F. P. N. institui prémios definitivos pela seguinte ordem:

- a) — Para os torneios de Lisboa e Pôrto — 1 taça por cada grupo de 5 clubes;
- b) — Para os torneios de Coimbra e Aveiro — 1 taça por cada grupo de 3 clubes;
- c) — Ao clube vencedor do torneio de Lisboa será conferida a taça «Stadium», cuja revista patrocina a prova. Ao clube 2.º classificado será atribuída a taça «Amigos do water-polo do S. A. D.»;
- d) — Aos jogadores que constituírem as equipas vencedoras dos torneios serão conferidas medalhas comemorativas;
- e) — Nas Associações que não reúnam o número de clubes fixado, só serão conferidas medalhas à equipa vencedora.

Art.º 9.º — Os protestos sobre irregularidades verificadas nos jogos só serão aceites pela F. P. N. quando o capitão da equipa tenha feito a declaração ao árbitro, após o jogo, e a confirme no boletim com a assinatura, e apresentados à F. P. N., por escrito, dentro de 24 horas, acompanhados de 100\$00, que serão devolvidos no caso do protesto ser julgado procedente. Em caso de desistência do protesto, o clube protestante será multado em 50\$00.

Art.º 10.º — Os protestos serão resolvidos pela F. P. N. de harmonia com o disposto nos capítulos 23.º, 24.º, 25.º e seus artigos do Regulamento.

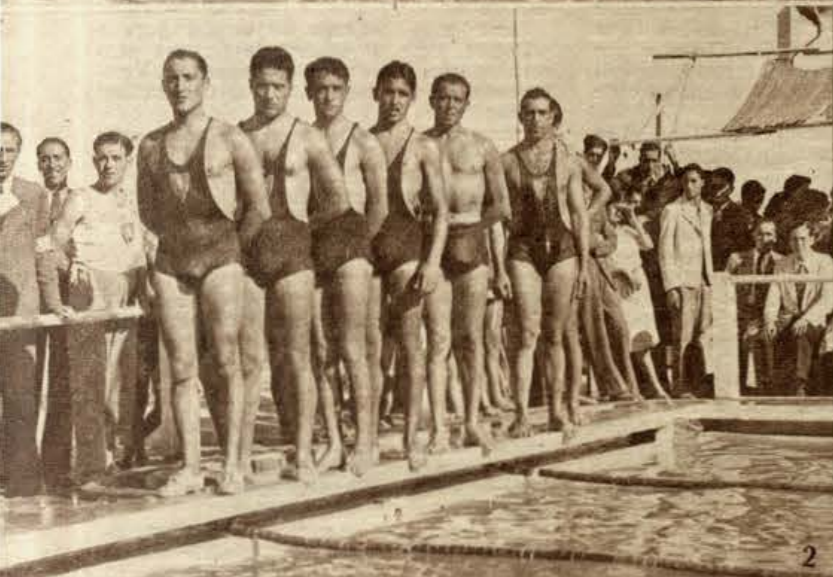
Art.º 11.º — Os protestos apresentados sobre os jogos realizados pelas Associações do Pôrto, Coimbra e Aveiro, serão instruídos pelas respectivas Direcções e enviados à F. P. N., que os julgará em definitivo.

Art.º 12.º — As importâncias correspondentes a protestos e multas constituem receita da F. P. N., devendo ser-lhes enviadas com os respectivos protestos.

Art.º 13.º — Sobre os actos de indisciplina verificados no decorrer do torneio, independentemente das sanções previstas nos Estatutos e Regulamentos, os jogadores ficam sujeitos às seguintes penalidades:

- a) — Por jogo violento, desrespeito ao árbitro, ao adversário e à assistência, quer por palavras, quer por gestos, será o infractor punido com seis meses de suspensão.
 - b) — Os actos de agressão, quaisquer que sejam as circunstâncias em que se verifiquem, serão punidos com um ano de suspensão, não constituindo atenuante a alegação de que foi agredido primeiro e de que agiu em defesa.
 - c) — O jogador expulso do jogo fica automaticamente eliminado do torneio.
 - d) — Os castigos impostos aos jogadores não contam durante o tempo do defeso, pelo que ficarão em suspenso desde o dia do encerramento oficial da época de 1943 até ao dia da abertura oficial da época de 1944.
- Art.º 14.º — Os casos omissos serão regulados pelo disposto nos Estatutos e Regulamentos da F. P. N., em vigor.

O XXIV aniversário do C. N. Natação
festejado sob o patrocínio da "Stadium"



1 — Os nadadores que tomaram parte no festival; 2 — A equipa do Nacional que venceu os 6x66, a melhor prova do programa; 3 — A equipa de salvamentos; 4 — O chefe de redacção da nossa revista dirige palavras de felicitação ao representante do Atlético A. C., que conquistou a taça "Stadium". Na foto vêem-se Dias Pereira, da Federação de Natação, e Pereira da Costa, dedicado presidente do C. N. N.

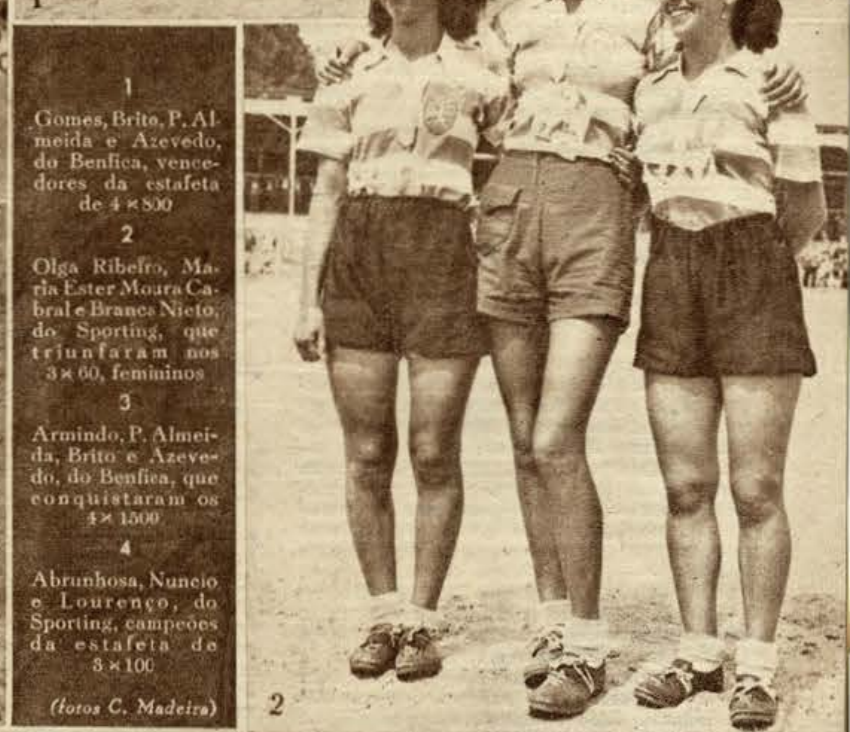


CICLISMO na pista do Lusitã
Aspectos das provas de Domingo



1 — Um "sprint", nas "duas horas à americana";
2 — G. Jacinto, vencedor da prova de eliminação para amadores; 3 — M. Rocha, que triunfou nas 30 voltas, também para amadores; 4 — Uma fase desta prova; 5 — C. Quadros ganha as 20 voltas para iniciados
(fotos João dos Santos)

ATLETISMO Na última jornada dos regionais de seniores



1
Gomes, Brito, P. Almeida e Azevedo, do Benfica, vencedores da estafeta de 4x800
2
Olga Ribello, Maria Ester Moura Cabral e Branca Nieto, do Sporting, que triunfaram nos 3x60, femininos
3
Armando, P. Almeida, Brito e Azevedo, do Benfica, que conquistaram os 4x1500
4
Abrunhosa, Nuneio e Lourenço, do Sporting, campeões da estafeta de 3x100
(fotos C. Madeira)

CAMPEONATOS DE VELA DA "MOCIDADE". Um aspecto das provas — às quais a calmaria tirou o habitual brilho



ATLETISMO PORTUENSE PERCALÇOS...

António Cadete e António B. da Silva figuras de relêvo na 1.ª jornada dos Regionais de Séniores

NA primeira jornada dos regionais de séniores, António Cadete viu compensado o seu criterioso trabalho de preparação, melhorando o «récord» nacional do lançamento do dardo, que já lhe pertencia: 50,88 m. para 50,98 m.

Cadete não está ainda no máximo da sua forma e não nos custa acreditar que seja ele o primeiro português a passar os 55 metros, como já o foi a passar os 50. É que um lançador não «envelhece» tão rapidamente como, por exemplo, um corredor de velocidade, e diga-se até que só consegue o seu máximo quando os anos de estudo sério e de actividade persistente se contam por mais de uma dezena. E para confirmar esta nossa opinião, digamos que o vimos já, em treinos, atirar a 54 metros!

Mas mais do que a «marca» atingida, impressiona-nos em Cadete a técnica apresentada, que nos garante o continuo e aturado estado da especialidade por parte do atleta. Cadete — pode dizer-se sem receio — é o mais estudioso de todos os praticantes portugueses. Os resultados que alcança não são obra do «casaco» ou de feliz inspiração; justificam-se, plenamente, perante a maneira de lançar. Mais por isto, a sua nova «marca» tem valor excepcional — e pena foi que não estivessem presentes à sua exhibição todos os lançadores de dardo que esta época concorreram às categorias inferiores, pois entre eles não houve um único capaz de apresentar uma base técnica sofrível. Assim, a lição prática de Cadete só lhes seria útil.

Notámos, por exemplo, entre os concorrentes dos campeonatos anteriores, como maior defeito, o não saberem aproveitar a corrida preparatória, e de tal forma que o balanço inicial se tornava absolutamente improdutivo. Para quê a corrida, se ao chegarem à tábua limite acabavam por parar, e só então faziam o lançamento?

António Cadete apresenta-se esta época com mais «souplesse» e com melhor coordenação de movimentos — pormenor importantíssimo no lançamento do dardo. Os seus últimos três passos — os chamados «passos cruzados» — são preciosos de técnica e de quasi perfeita colaboração com o trabalho dos braços; e quando o ritmo de coordenação estiver apurado, as «marcas» sentirão o efeito. Quere dizer: tecnicamente, António Cadete sabe o que quer — e isto é importante; falta sómente apurar a sua execução, do que não duvidamos, dado o entusiasmo que o liga à especialidade.

António Bernardo da Silva foi a segunda figura da jornada. Trata-se de um jovem cheio de qualidades para os 1.500 metros, mas que, dada a orientação que o obrigam a seguir, pode baquear de maneira lamentável.

Concorrente a todos os campeonatos desta época, obrigado a esforços continuos e exagerados para um jovem como ele é — de escanteante passou a «sénior» numa época... — era de aconselhar repouso e cautela, porque as suas condições físicas não lhe devem permitir excessos. Mas os nossos dirigentes só vêem os campeonatos, e, para os alcançarem, não olham a meios, embora com isso vão prejudicar a carreira de um atleta. Infelizmente, não se trata de caso único no atletismo nacional.

Bernardo da Silva tem muitos defeitos a corrigir, desde o trabalho dos braços até à passada, incluindo a posição do tronco. Mas com um inverno de boa orientação, pode, na próxima época, figurar entre os nossos melhores especialistas de meio-fundo.

EDUARDO SOARES

O Leça Futebol Clube está sem campo!
Esta notícia, dada a conhecer ao público através de uma informação de um diário cidadão, causou pasmo e comentários.

De um momento para o outro, necessidades industriais fizeram derruir anos e anos de trabalho, de fadigas, de arreltas. De um momento para o outro desapareceu um campo que conheceu horas de triunfo e horas de incerteza, um bocado de terreno onde se desenrolaram importantes encontros, onde o público local ou estrangeiro viveu momentos inolvidáveis.

Parece que a má sina ronda os nossos clubes. Agora um, depois outro, logo mais outro, todos têm passado o seu bocado amargo, todos têm tido as suas infelicidades no que diz respeito a parque de jogos. Ainda há dias o velho e glorioso Coimbrões conseguiu desvanecer essa sombra negra que lhe condenava a existência; agora surge o Leça a sofrer do mesmo mal.

Um caso não é igual ao outro.
Neste — no do Leça — não há outro motivo, segundo se diz, do que a necessidade de expansão industrial de uma empresa.

Não haveria processo de conseguir que essa necessidade de desenvolvimento se fizesse sem prejuízo de terceiros?

Não o sabemos. Esta interrogação fazêmo-la ainda sem conhecermos «de visu» o facto.

Mas deu-se. Está consumado. O Leça terá de solicitar um campo para jogar, enquanto outro não se prepara.

Os leceiros são animosos pelo seu clube, que para eles é um símbolo; o que não fará esta fé, este ânimo, se for bem conduzido?

Deixando este aspecto especial para resolver, pergunta-se: não será possível evitar percalços como este, por meio de legislação que acatele os terrenos de jogos, que custaram rios de dinheiro, de dedicação, de sacrificios incontáveis aos organismos desportivos?

Realizaram-se em Espinho os campeonatos regionais de natação promovidos pela Associação Portuguesa de Natação.

O facto proporciona uma pergunta: concorre-se lá que os campeonatos do Pórtio se vão fazer em terrenos que pertencem ao distrito de Aveiro?

Não nos move qualquer espécie de má vontade contra a piscina de Espinho, que continuamos a considerar quasi perfeita — e até agora a melhor que conhecemos sob vários aspectos. E como piscina da praia de Espinho, da região de Aveiro, é esplendida. Para provas nacionais dificilmente haverá melhor, mais cómoda, mais completa.

Mas discordamos que se façam os campeonatos regionais do Pórtio, porque Espinho pertence — mal ou bem, isso não é conosco — a distrito diferente.

Provas de natação regionais devem ser feitas no Pórtio. Disse-se qualquer coisa sobre o Palácio — que não podia ser por varias razões. Mas quais são essas razões? Poder-se-á conhecê-las?

Bem sabemos que à frente dos destinos da A. P. N. está um homem a quem a natação muito deve, alguém que veio de Coimbra com um nome feito, uma entidade de quem ouvimos as melhores referências feitas pelo querido amigo dr. Amadeu Rodrigues.

Mas, tenham paciência! Isto que fica escrito é precisamente o mesmo que diz o público. Por que não o informam e dizem qual o percalço sofrido para que as provas se não fizessem no Palácio de Cristal?

Será possível satisfazer esta curiosidade?

MÁRIO AFONSO

O médio-centro do Futebol Clube do Pórtio fixou definitivamente a sua residência no sul... Muita surpresa no meio desportivo portuense, com a rapidez da deslocação. Nos «mentideros» da bola estabeleceram-se duas «correntes»...

— Tem estado nesta cidade, «em férias», o jogador do Estoril Praia, Oscar Tellechea. Segundo a letra do contrato, o Interior-esquerdo do Estoril Praia fica livre — não tem compromisso desportivo.

— Com vista à futura lista da A. F. do Pórtio, reuniram-se os representantes da I Divisão: F. C. do Pórtio, Académico F. Clube, Boavista F. Clube, Sport Comércio e Salgueiros, Leixões Sport Clube e Leça F. Clube. Três nomes indicados: Alberto Brito, para a presidência, Orlando de Sousa, secretário geral, e engenheiro Fernando Gaspar, tesoureiro.

— Na primeira jornada dos campeonatos regionais de séniores, o juiz-árbitro tentou «queimar» um colega do júri. O Cadete, para arrelliar o «homem», bateu o «récord» nacional do lançamento do dardo, já em seu poder. Boa «partida» do atleta portuense.

— Tomou outra orientação a questão do jogador Alexandre Madureira, do Vasco da Gama. Deve ficar solucionado o «caso» — a suspensão fica apenas registada...

— Novos informes do sul acerca de dois «viajantes» acadêmistas. Trabalham com vontade, para «assegurar» o futuro!

SUPLENTE

CAMPISMO

MANTEM-SE o interesse pelo campismo. O admirável desporto, cada vez mais e melhor divulgado, vai recebendo novos praticantes e, ao mesmo tempo que o Clube Nacional de Campismo continua trabalhando no sentido de bem orientar a modalidade no nosso País, regista-se o aparecimento de novos núcleos campistas. Sucedem-se os acampamentos e, pelas informações colhidas, este ano pode considerar-se talvez o mais activo.

A «Alocidade Portuguesa», onde o campismo ocupa posição de relêvo e constitui um dos seus elementos de educação moral e física, tem espalhados pelo País vários acampamentos, com elevado total de fillados. Entre estes destaca-se o que foi instalado na Serra da Estrêla — no ponto mais alto de Portugal — no planalto da Torre, a 2.000 metros de altitude, o qual foi visitado pelo sr. prof. dr. Marcelo Caetano.

Interessante o acampamento instalado em Sintra e formado por vendedores de jornais e engraxadores de Lisboa.

O Clube Nacional de Natação inaugura no próximo sábado a sua secção de campismo

Um outro clube desportivo vai inaugurar uma secção de campismo: o Clube Nacional de Natação.

A iniciativa, acolhida com interesse pela direcção do prestigioso clube, deve-se a um grupo de sócios do Nacional, entusiastas da modalidade. Entre eles, Carlos Alfredo da Silva, Alfredo Mendes Sarmento, José Manuel Nazaré Pinto e Fernando Moraes tomam a seu cargo toda a organização campista do C. N. N. E a avaliar pelo entusiasmo de que estão possuídos é justo vaticinar à secção uma excelente actividade. Estão inscritos mais de duas dezenas de sócios do Nacional, dispendo de todo o material indispensável e de um barco «kayak».

A secção inaugura-se no próximo sábado à noite com a instalação do primeiro acampamento, que será levantado no parque desportivo do Nacional e oferecerá aos convidados a visão perfeita do que é um acampamento. Efectuar-se-á um «logo de conselhos».

A sua volta os campistas entoarão canções e recitarão poesias, e pela «Stadium» — gentilmente convidada a presidir à inauguração do novo núcleo de campistas — profirá algumas palavras alusivas ao nosso camarada de redacção Fernando Sá.

AMADORES EM ACÇÃO

no segundo torneio organizado pela A. P. Lisboa — e outras coisas mais...

LISTÁ em curso o segundo torneio organizado pela Associação de Pugilismo de Lisboa — agora denominado «de Preparação». Mas os rapazes são quasi os mesmos que figuraram no anterior, porque as novas revelações podem contar-se pelos dedos de uma das mãos! E o mais reclamado de todos eles, Romeu Correia, não pôde, sequer, mostrar-nos ainda as suas aptidões, porque o adversário designado por sorteio tomou o partido de não comparecer... As duas reuniões efectuadas tiveram efeitos distintos: na primeira houve demasiada «efervescência de nervos» e interferências contraproducentes do público, que com as suas atitudes quasi fa prejudicando quanto de bom se pretendia fazer; mas na segunda verificou-se calma absoluta e mais interesse, até, pelas lutas desenroladas. Anibal Secundino, Jerónimo Matos — um portento de energia... e mais nada! — Horácio Frederico (que nos fez recordar o casapiano Alberto Fonseca), Raul Barros, Filipe Portugal, Cruz Passos, José Ramos e Belmiro Vieira salientaram-se, especialmente o penúltimo, arreado prematuramente da competição por excesso de zelo de um árbitro exigente.

Das vantagens do torneio — como propagação da modalidade e «pedra de toque» para organizações futuras — é desnecessário falar-se. Toda a gente bem intencionada compreenderá perfeitamente os benefícios da iniciativa da Associação do «boxing» lisboense. É preciso, contudo, não «esmorecer na campanha» e dar oportunidades aos amadores. Nessa «camada» está, afinal, o futuro do pugilismo português. Outro pormenor que merece salientar-se e precisa de ser bem cuidado, porque constitue um problema — é o da direcção dos combates. De maneira geral, as arbitragens (e algumas decisões do júri) não têm satisfeito. É preciso, é indispensável ver mais com os olhos que com o coração — porque o «boxing» não se compadece com sentimentalismos piegas...

No campo profissional vamos ter, hoje, a estreia do moçambicano Justino Rodrigues e de Carlos Gomes, que é um saloto autêntico, de Santo António da Charneca, embora tivesse vindo de África. A propósito, diga-se que a F. P. de Box classificou Gomes na 2.ª série (porquê?!) e Justino na 3.ª — a ambos exigindo rectificação em futuras acções. E confirmou a pena de suspensão de seis meses imposta a Alpaiz. Mas não seria melhor proibi-lo de combater mais, em Portugal?! É que de maus exemplos está o mundo cheio....

J. M.

VILANOVENSE FUTEBOL CLUBE

(Conclusão da pag. 4)

mútuos, olhos postos na sua bandeira vitoriosa — há dias decorada com uma das mais altas condecorações humanitárias da Cruz Vermelha Portuguesa — que ostenta, alcinçada e gahardada, o braço da sua terra.

Mas o Vilanovense não circunscreve a sua acção mericida somente à causa desportiva; com entendimento claro daquilo que pode fazer, fora do ambiente próprio, vai mais longe: socorre a miséria, a invalidez, os pobres e os doentes, contribuindo com o seu óbolo generoso para diversas instituições de caridade do concelho.

Há princípios de moral social nesta acção do Vilanovense. Há o conhecimento do dever que cumpre a todos os que podem no auxilio aos que nada têm.

Abençoada gente!

Não pára o Vilanovense no caminho das realizações. Pensa agora na construção de um ginásio coberto e de um «rink» de patinagem, este para a prática de modalidade que já tem raízes profundas, aquêle para os ensinamentos obrigatórios de ginástica aos seus atletas e associados, na divulgação de um bem indispensável a todo o homem ou mulher.

Os programas vão-se cumprindo, lenta mas seguramente. E eis como uma colectividade, quasi ignorada, fez obra notável e construiu um nome que outros — com mais possibilidades e mais dinheiro — a pesa — de todas as facilidades, promessas ou esperanças, ainda não obtiveram.

Mas a quem deve o Vilanovense aquilo que é e é? A homens que sabem o que querem como Francisco

CICLISMO

Merecida vitória de Inácio-Martins na prova de «2 horas à americana»

Carlos Quadros, Manuel Rocha e Guilherme Jacinto foram os outros vencedores do festival do Estádio

O ciclismo, sobretudo as competições de pista, é a modalidade em que os aspectos da luta mais variam de corrida para corrida, embora nelas participem sempre os mesmos atletas; em que os homens que atacam se inferiorizam tecnicamente em grande escala e em que a tática de defesa coloca, por vezes, corredores de classe mediocre em plano de acentuada evidência. Assim, a marcha das provas depende sempre da disposição dos concorrentes, do seu espirito combativo, do moral de que estão possuídos e até do «meio ambiente» em que correm.

No festival promovido no domingo, no velódromo do Lumiar — o 6.º da série que o Sporting e a luminante têm organizado de há um tempo a esta parte — verificou-se que os homens de quem mais se esperava, pouco ou nada fizeram, partindo, afinal, das equipas heterogêneas, constituídas forçadamente à última hora, a maioria das iniciativas que deram brilho a grande competição da tarde: as «2 horas à americana».

É certo que dois dos melhores valores no lote dos inscritos — Lourenço e Lopes — foram postos fora da prova por acidente, o que impediu o público de assistir ao espectáculo que mais desejava: o embate entre os mais cotadas «sprinters» nacionais. Mas em pista ficaram ainda Jacinto, Rebelo, Aniceto e José Ferreira, que bem podiam movimentar a competição. Todavia, pouco ou nada fizeram, e foi preciso um Mourão, aguentando-se bem, um Raposo, bastante brioso, um Martins e um Inácio, extraordinários de combatividade, para esperar a competição dos «ases».

A infelicidade da Lopes e Lourenço

Haviam alinhado para a partida sete equipas, constituídas como segue: Lourenço-Inácio e Bartolomeu-Mourão, do Sporting; Lopes-Martins e Rebelo-Jacinto, da Luminante; Cardoso-Aniceto, do F. C. Porto; Tullio-José Ferreira, do Sangalhos; e Raposo-Aristides, mista.

Ainda não era decorrida uma dezena de minutos da prova, com Lopes, Lourenço e Raposo mostrando já que se dispunham a «andar», quando um choque entre os dois primeiros corredores os forçou a abandonar a pista por algum tempo. Tentaram recomear a faina, chegaram a render os seus respectivos companheiros de equipa que bastas voltas se mantiveram em luta sem entreaída, mas nada puderam fazer: os ferimentos recebidos haviam sido de considerar e bastante dolorosos. E assim «nascu» uma nova equipa mista constituída por Inácio e Martins...

Durante meia hora pôde a equipa Raposo-Aristides dar réplica — e levar até a melhor sobre o novo agrupamento, pois ganhou todos os «sprints» oficiais. Mas a partir do 4.º «sprint», em que Inácio propoziadamente não tomou parte, para atacar com êxito, ter-

minada a embalagem, niguém houve que conseguisse agüentar o «passo» riço do torrencense nem os «arrancos» longos e impetuosos do malveirense. Assim, Inácio, confirmando a bela impressão causada no domingo anterior, e Martins, redimindo-se da sua injustificada falta, breve alcançaram uma volta de vantagem sobre os seus mais directos adversários, que eram Raposo e Aristides.

Altitude incompreensível de Rebelo

Quanto ao duo Rebelo-Jacinto, de quem se esperava uma nova grande exhibição, esse fracasso por culpa do primeiro, que não querendo «sacrificar-se» a render o seu companheiro quando lhe competia, o obrigava a «rolar» um tempo superior ao que era lógico. E assim o sprinter-c magado moralmente, mas, quanto a nós, talvez sem reflectir, abandonou a prova, ficando a luta, por isso, restrita aos três duos: Inácio-Martins, Tullio-Ferreira e Raposo-Aristides.

A equipa do Porto já andava algo atrasada. Mas, mesmo assim, a corrida teve bastantes motivos de agrado. Durante quasi quarenta minutos, enquanto durou a tentativa da conquista de uma volta, Inácio e Martins rolaram à média de 35 segundos por volta — quasi 50 quilómetros à hora. Raposo e Aristides suportaram com brio o ataque daqueles corredores, e Mourão-Bartolomeu e Tullio-José Ferreira também não se deixaram dominar pelos homens de mais poder e maior classe.

E como as provas de amadores, sobretudo a de 30 voltas, e a de iniciados, agradaram, quem foi no domingo ao Estádio saiu satisfeito e de novo com vontade de voltar.

Pequenos senões

No entanto, mais satisfeito ficaria o público se o desportivismo de Raposo e a calma do júri não tivessem provocado reacções indúteis — e até certo ponto censuráveis.

Raposo continua a ser o «eterno galato», sem diso necessitar para vencer: «aperta» por vezes os adversários, provocando protestos e criando ambiente hostil — sem necessidade. É certo que a assistência exagera, e por vezes parcialmente, pois reage consoante a falta é atribuída a este ou àquêlê corredor. E foi esse exagero, decerto, que compeliu o júri a insistir, erradamente, no aviso feito a Raposo de que havia sido desclassificado. Essa insistência não só levou o corredor a desistir como serviu também para criar no espirito da assistência a ideia de que as suas reacções têm influencia nas deliberações do júri, facto que não pode nem deve repetir-se.

De futuro, deve haver mais disciplina nos corredores, mais calma nas pessoas que orientam a provas e menos parcialismo no público. Em resumo: mais moderação.

Resultados

Na «corrida individual, para iniciados (30 voltas), com «sprints» de 5 em 5 voltas, os resultados foram: 1.º, Carlos Quadros, 12 pontos; 2.º, Augusto Leão, 10 pontos; 3.º, Cavalheiro, 8 pontos; 4.º, Dionísio Soares, 4 pontos.

Boa prova do vencedor, rápido a «sprintar» e oportuno a atacar.

Na prova de «liminaca», destinada a amadores, houve luta entre Guilherme Jacinto, Dias Santos e Rocha, vencendo o primeiro por 28-23 centímetros. E na «corrida individual de 30 voltas, também reeavada a amadores, o pequeno Rocha desforrou-se da derrot anterior, vencendo nas duas classificações: «critério» e ordem de chegada na última volta.

Classificações: 1.º, Rocha, 11 pontos; 2.º, José Jacinto, 10 pontos; 3.º, Dias Santos, 4.º, Guilherme Jacinto; 5.º, Espalinas; 6.º, J. Lourenço.

«Americanas»: Independentes — 1.º, Inácio-Martins, 187 voltas, 8 pontos; 2.º, José Ferreira-Tullio, 186 voltas, 7 pontos; 3.º, Bartolomeu-Mourão, 186 voltas, 5 pontos; 4.º, Aristides (sossinho); 5.º, Cardoso-Aniceto, 185 voltas

Portugal, Manuel Teixeira de Oliveira, Augusto Valente, aos irmãos Calheiros Lobo, aos Grifões, Moreira Tavares, drs. Pedrosa Júnior, Magalhães, Ugei Horta, ao passageiro e, presentemente, a Ferraz Carneiro. — a alma do clube: Augusto Melo, Armando Sampaio, Manuel dos Santos, e tantos, tantos outros cujos nomes não é possível enumerar, mas que estão vinculados nos anais do prestigioso clube paense. Isto, como dirigentes. Nos atletas focaremos: Laurindo Grifão — que há pouco foi alvo de enternecedora manifestação de simpatia, na sua festa de despedida — Fernando Rodrigues, interaccional, Patrício Gama, etc.

E será «o isto» o Vilanovense? Não, leitor amigo. O Vilanovense é mais ainda: é como que um «conto de fadas», verdadeira «coisa de maravilhas». Quere saber mais? Quando por Gaia, vá ao Vilanovense — e entoe dar-se-á por satisfeito!

MÁRIO AFONSO

Assine a Revista «Stadium»
3 meses Esc. 19\$50 6 meses Esc. 39\$00
12 meses Esc. 78\$00

GIL MOREIRA

Stadium na Capital do Norte



1 — Atletismo — Arnaldo Borges, do F. C. Porto, vencedor do salto à vara; 2 — Hercúlio Mendes, do Académico, que triunfou no martelo; 3 — A equipa do F. C. Porto, vencedora dos 100, 200 e 400 metros do novo "recorde" do Norte; 4 e 5 — A equipa do Académico, que triunfou nos 1 e 500, melhorando também o "recorde" regional. — Natação — 6 — Carlos Silva e Jaime Ramos, do Salgueiros, e Jacinto Santiago, da Escola Náutica, respectivamente 1.º, 2.º e 3.º classificados na "Milha do Mar". (fotos Hermann)

NA FESTA DE DESPEDIDA DE ALBERTO FARIA — O homenageado entre os elementos que colaboraram no programa do festival levado a efeito no "rink" do Ateneu Comercial



DESPORTO NO ESTRANGEIRO

1 — O rei Jorge VI e a rainha Isabel seguem com interesse um importante encontro de futebol no Wembley Stadium. Sentado entre os soberanos ingleses vê-se Mr. Brock Hirst, presidente da "Football Association". 2 — Já dissemos aos nossos leitores do entusiasmo que as raparigas americanas têm pelo desporto do tiro ao alvo. A fotografia mostra uma equipa de alunas de um colégio do Texas em animada sessão de treino. 3 — Aparatoso salto de "ski" nos concursos de inverno de Berlim-Grinewald. 4 — Bela fotografia de uma prova hipica em Inglaterra.



ALBERTO FARIA

despediu-se da actividade desportiva e recebeu da F. P. Patinagem e medalha de mérito

O Ateneu Commercial de Lisboa, colectividade cuja bandeira Alberto Faria defendeu sempre com insustentável dedicação, prestou homenagem ao seu valoroso atleta numa festa que teve foros de consagração. E nela o «keeper» do grupo de «hockey» em patins do Ateneu pôde apreciar quanto é estimado por companheiros e pelos próprios adversários.

Em vésperas da sua partida para África, Alberto Faria via-se consagrado pelo seu clube — que desse modo quis significar-lhe todo o apreço em que teve a sua acção de desportista. E em palavras singelas o sr. Sena Cardoso disse-lhe do agradecimento da colectividade, que se não perde o atleta sempre pronto a servi-la, não esqueça jamais o amigo e o companheiro de tantas jornadas.

A festa decorreu, como se depreende, em ambiente de grande animação e interesse crescente. Pena foi que a chuva impedisse os objectivos da organização, não permitindo que o programa se cumprisse na íntegra. Disputaram-se os três jogos de «hockey» anunciados e José Soares exibiu-se em patinagem artística, com o agrado de sempre. Mas não pôde fazer-se a exhibição do par Soares-Zita Alcobia, que tanto êxito conquistou há tempo em Cascais.

Nos três desafios de «hockey» — os dois primeiros para disputa da taça com o nome do homenageado, a atribuir à equipa que marcasse maior número de «goals» — verificaram-se os resultados seguintes: Desportivo dos Tabacos-Sporting, 7-0; Benfica-Ateneu, 7-5; misto dos arredores (Cascais, Amadora, Sintra, Paço de Arcos e Oeiras) — misto de Lisboa, 4-3. A taça «Alberto Faria» foi atribuída ao Desportivo dos Tabacos.

No intervalo do segundo para o último desafio, Alberto Faria recebeu, a meio do «rink», as homenagens dos companheiros e dos seus amigos. Entre várias lembranças (diversos ramos de flores naturais, um dêles oferecido por uma gentil senhora, antiga patinadora do Ateneu, a fotografia colorida do homenageado e outras recordações) Alberto Faria recebeu da direcção do clube uma linda «plaquette» com emblema e da Federação de Patinagem a medalha de mérito, com a indicação de «Glória ao Desporto» que lhe foi entregue pelos srs. José Prazeres e Frankim Pereira. No decurso desse acto falaram os srs. Vasco Ribeiro, presidente do Ateneu, Américo Rombert, do Hockey C. P., Martins Correia, do Sporting, e outras individualidades presentes. Alberto Faria, vivamente impressionado, a todos agradeceu.

Festa simples, sim, mas de justa consagração e alto significado de apreço pelas qualidades do desportista que soube conquistar, em toda a sua carreira, a simpatia do público e a amizade de colegas e adversários — ela ficou como testemunho de gratidão, a que «Stádium» se associa gostosamente.

JORGE MONTEIRO

Várias notícias

Não são somente Fernando Adrião e Alberto Faria que abandonam a actividade, pelo motivo de irem para as colónias. O mesmo se dá com Fernando Lagrange, «keeper» do Dramático de Cascais, que ontem seguiu para Cabo Verde.

São três «keepers» que vão para a África. — O Futebol Benfica presta amanhã homenagem a Adrião, sendo-lhe também conferida pela F. P. P., a medalha de mérito.

— Antontem efectuou-se no Estádio Mayer um sarau do Ateneu, com a cooperação das equipas do Benfica e Paço de Arcos, de um misto de jogadores lisboenses e dos ouriqueenses Vignia Campos, Fauto Lima e Maria Helena Simões. Este festival estava integrado nas comemorações da «Noite do voluntário da Ajuda».

— Começou a disputar-se o torneio do Dramático de Cascais, no qual tomam parte todos os clubes da Costa do Sol.

A «TAÇA STADIUM»

disputada no festival do aniversário do Clube Nacional de Natação, foi ganha pelo Atlético Clube de Portugal

COM um festival de natação, a que deram o seu concurso o Atlético Clube de Portugal e o Clube Naval Setubalense, iniciou-se no domingo as festas comemorativas do XXIV aniversário do Clube Nacional de Natação, sob o patrocínio da nossa revista.

Depois da festa de inauguração do parque desportivo da rua de S. Benito, em Setembro de 1941, o festival de domingo último foi sem dúvida, o melhor, mais animado e mais interessante de quantos se têm realizado naquele aprazível recinto desportivo.

A assistência, bastante numerosa, seguiu com interesse e entusiasmo as provas e as demonstrações de salvamento, e retirou-se satisfeita, já por que presenciou boas lutas desportivas, já porque o festival decorreu, de principio a fim, no melhor ambiente possível.

Em resumo: uma bela jornada de propaganda da natação.

As provas e a vitória do Atlético

A abrir, Pereira da Costa, a «alma» do Nacional de Natação, leu ao microfone algumas palavras alusivas aos vinte e quatro anos do clube a que preside. Recordou o que êles representam, o esforço e trabalho realizados desde 1919, e teve, com vista ao futuro, frases optimistas que a todos agradaram.

Disputaram-se, depois, as quinze provas que compunham o programa variado e completo que o Nacional elaborou e ao qual, em gesto de camaradagem que nunca é demais pôr em relevo, deram a sua colaboração o Atlético e o Naval Setubalense.

Em infantis a vitória do Nacional foi completa, pois ganhou todas as provas. Carlos Campanha em «brucos», João Gaspar das Neves em «costas» e Francisco Cabral da Silva em «crawl», não tiveram dificuldade em vencer. Este último, sobretudo, é rapaz de largo futuro. Assim o indica o seu «estilo», que é perfeito, e a vontade que sempre põe na luta.

Em principiantes dominou o Atlético, que conquistou, também, todas as provas. Francisco Alves, em «brucos» e «costas», e Abel de Abreu em «crawl», foram os vencedores. E ganharam muito bem, diga-mo-lo desde já. Os 66 metros brucos, sobretudo, provocaram luta animada. Há, todavia, um pormenor, importante, em que demonstraram pouco treino: as viragens tôdas lentas e mal executadas.

Em juniores temos a registar a vitória de Manuel Pizbarro, do Nacional, nos 100 metros livres, absolutamente à-vontade, ainda que em «tempo» fraco — 1 m. e 22 s., e o triunfo conseguido por Manuel da Silva, do Atlético, nos 100 metros brucos, nido e com a característica, sempre agradável de registar, de ter sido conseguido em bom «estilo».

Nas provas de inscrição livre, para homens, ou seja três estafetas integradas no programa, houve a animação própria desta espécie de provas. A estafeta mista, sobretudo, suscitou interesse especial, tal como se previa, e nela a equipa do Nacional obteve uma bela vitória, traduzida em 33 metros de vantagem sobre o segundo classificado.

Nos 5 x 66 metros brucos a vitória pendeu para o Atlético, justa e merecida. É de apreciar a maneira como os alcantarenses recuperaram o atraso dos primeiros percursos.

Nos 7 x 33 metros livres, a turma do Nacional ganhou bem. Homogênea, lutando com entusiasmo, a equipa mereceu de facto a vitória.

As senhoras, que compareceram em elevado número, disputaram, com a graça que lhes é peculiar, três provas de 33 metros, uma em cada «estilo».

Terеза Domingues, uma «promessa» do Atlético, foi a vencedora dos 33 metros «costas» e «brucos». Não lhe faltam qualidades. E corrigidos certos pormenores técnicos, é elemento para marcar lugar interessante no panorama da natação feminina.

Zélia de Oliveira, que há duas semanas tivemos o prazer de elogiar a propósito da sua prova na Travessia do Tejo, triunfou em 33

metros livres. Fêz prova meritória e não se lhe pode exigir mais.

E agora, sintetizando, registemos os vencedores e «tempos» respectivos de tôdas as provas dessa magnífica tarde de natação, a que ficou também ligado o nome da «Stadium».

33 metros-brucos infantis	— Carlos Campanha, 27 s.
33 » » costas »	— Gaspar das Neves, 32 s. e 7/10.
33 » » livres »	— Cabral da Silva, 26 s. e 3/10.
66 » » brucos princip.	— Abel Abreu, 59 s. e 5/10.
66 » » costas »	— Francisco Alves, 1 m. 5 s. 3/10.
66 » » livres »	— Francisco Alves, 59 s. 9/10.
100 » » brucos juniores	— Manuel Silva, 1 m. 21 s. 2/10.
100 » » livres »	— Manuel Pizbarro, 1 m. 20 s.
5 x 66 metros-brucos, inscrição livre	— Atlético C. P. — 3 m. 4/10.
7 x 33 » » 50 x 66 x 100 — m. infantil, um principiante, um junior e um senior	— C. N. do Natação — 3 m. 2 s.
33 metros-brucos, senhoras	— Terеза Domingues, 32 s.
33 » » costas »	— Terеза Domingues, 41 s.
33 » » livres »	— Zélia de Oliveira, 27 s. 5/10.

No conjunto a melhor equipa foi a do Atlético Clube de Portugal, que conquistou, assim, a taça «Stadium». A secção de natação do popular grémio alcantarenses está, pois, de parabéns. E oxalá que este triunfo, agora conseguido, lhe dê ânimo e vontade para trabalhar — cada vez mais e melhor.

O mais fraco conjunto foi o do Naval Setubalense. Isto não denuncie, de modo algum, o agrado com que vimos a exhibição dos representantes da cidade do Sado. Lutaram desportivamente, dentro das suas possibilidades, o melhor possível. Setúbal renasce, assim, para as práticas da natação. Ainda bem. E com a assistência que Moitinho de Almeida lhes vai prestar, muito, por certo, irão progredir.

As demonstrações de salvamento

«Saber nadar não basta — é preciso também saber salvar» — é a divisa do Clube Nacional de Natação, a única colectividade que entre nós se dedica à humanitária prática do salvamento.

Por isso incluiu no festival, e muito bem, demonstrações de salvamento.

Daniel dos Santos, Américo Sampaio, Liberto Freitas e Fernando Alves mostraram a assistência todos os pormenores da técnica de salvamento, que conhecem profundamente.

Findas as provas, a direcção do Nacional ofereceu aos clubes convidados e à Imprensa uma merenda, através da qual Gustavo Pereira da Costa agradeceu a companhia de todos. Em seguida, Avelar Machado, nos o chefe de redacção, entregou ao representante do Atlético a taça «Stadium» que aquela colectividade acabava de conquistar, acto que precedeu de palavras de elogio para a obra do Nacional, para a vitória do Atlético e para o esforço do Naval Setubalense. A nossa revista foi, nesta altura, particularmente saúdiada.

Usaram ainda da palavra os srs. J. Dias Pereira, pela Federação Portuguesa de Natação, e M. Cabeçadas, presidente do Naval Setubalense.

ABREU TORRES

XADREZ

(Conclusão da página 7)

brancas comprometeram seriamente a sua já enfraquecida posição — é quasi esmagadora a pressão exercida pelas contrárias. 26... B-g5; 27. T-c2, C-b4; 28. Cxd6, Txc2; A derrota das brancas torna vultoso... Nas trocas que se seguem, as pretas ficam com uma peça de vantagem. 29. Cxe8, C-a3; e, como a perda da peça era inevitável, as brancas, poucos lances depois, abandonaram.

Uma análise posterior, da autoria dos srs. Manuel Esteves e eng. Rodrigues da Silva, prova, no entanto, que as brancas tinham ao seu dispor uma continuação que lhes oferecia esplêndidas perspectivas se jogassem: 25. Tg7 +1 A perda da qualidade seria então compensada pela debilitada posição do roque negro, que assim ticaria demasiado exposto a um ataque branco.

Canção da Rua Deserta

Um reparo «despropositado»
do jornal «Os Sports»

O nosso colega *Os Sports* publica no seu jornal de 20 do corrente um «reparo despropositado» acerca da referência que fizemos, no nosso último número, à publicação, nas suas colunas, de uma poesia do sr. António Botto, já há muito inserta na I série desta revista.

Não nos atingem os remosques de *Os Sports*. Nesta casa tem-se elevadamente presente o sentimento da camaradagem — e os elementos de aquele jornal, alguns dos quais honram «Stadium» com os seus brilhantes trabalhos e outros «seus amigos» que reputamos sinceros desde há muitos anos, têm tido provas de tal sentimento.

Razões de queixa temos nós e calamo-las sempre. Queremos, mesmo, continuar a calamo-las, exactamente porque achamos desprestigiosos os «debiques» entre jornais, nascidos sempre de despeitos e invejas.

Assim, na nossa local não podia haver a menor intenção de «debarcar» *Os Sports* — mas simplesmente sublinhar um facto incontestável: a «Canção», ou «Canções», para o caso tanto dá, foi publicada na «Stadium» e agora em *Os Sports*. Mas, digamo-lo lealmente, não nos repugna aceitar que do pormenor não houvesse conhecimento naquêlê jornal, porque, segundo é voz corrente — e dela se fazem eco os próprios colaboradores de *Os Sports* — o autor da poesia em questão dá aos seus leitores «inéditos»... já publicados.

Eslarecida a nossa intenção, na qual não existia, portanto, o pretenciosismo de dar «chãzinho» a alguém — processos que não copiamos — resta focar uma particularidade desagradável e infeliz da «pontuada» de *Os Sports*: a que se refere à «propaganda de bicicletas que interessam ao nosso comércio».

Lamentamos que o autor do «reparo» não tivesse consultado as colecções da nossa revista e do seu jornal. Verificaria que a «propaganda» nestas colunas tem sido muito mais reduzida que a inserta nas de *Os Sports* — paga precisamente pela entidade que pretende atingir — e evitaria uma atitude que desmente o propósito de não «reatar tão lamentáveis práticas».

E ponto final.

A propósito desta «Canção», o nosso estima do colega *Os Ridículos* publicou em 7 do corrente, na sua curiosa secção «Shots à baliza», o seguinte comentário, que transcrevemos, com a devida venia, pela sua oportunidade:

O poeta António Botto — com dois tt para não haver confusões — tem uma secção no nosso colega «Os Sports» onde dá de vez em quando um ar do seu talento. Num dos últimos números publicava ali a Canção da rua deserta — uma poesia que se lê com certo ênfase e onde há uma quadra que tem a marca do seu autor:

Afirmam que a vida é breve,
engano a vida é comprida:
cabe nela amor eterno
e ainda sobeja vida.

Há, contudo, entre os leitores dos jornais uns cocobichinhos que são levados do diabo e que foram descobrir na colecção da revista «Stadium» uma poesia em tuão igual à que veio em «Os Sports» e também assinada por António Botto.

Um desses cocobichinhos pergunta-nos se o autor dos dois trabalhos é uma e a mesma pessoa ou se o sr. Botto de «Os Sports» terá plagiado os versos do sr. Botto da «Stadium». Vamos pela primeira hipótese porque o sr. Botto, nestas coisas, tem-se mostrado um brincalhão.

Há anos, numa festa do Benfica, também o actor João Vilarê anunciou que ia ler uns versos inéditos de António Botto. Os quais versos in'ditos já eram conhecidos de, pelo menos, 95% dos assistentes.

O senhor Botto, assim não vale.
Não é bonito querer levar a rapaziada a certa!

ATLETISMO

Os campeonatos regionais terminaram com uma jornada desprestigiante de que são responsáveis os dirigentes

Comentários de SALAZAR CARREIRA

Aquilo a que o público, felizmente muito menos numeroso do que nos domlugs anteriores, assistiu no campo do Lumiar e que fora pomposamente intitulado «domingo de estafetas», foi indigno de uma organização seria de um desporto cujo alto valor por todos é reconhecido.

Há um mínimo de respeito indispensável pelos direitos dos espectadores que pagam e a Associação de Atletismo de Lisboa não devia ter cobrado cinco escudos para mostrar uma série de exhibições individuais que já conhecia, visto ter as inscrições em seu poder com dias de antecedência.

Quatro estafetas com duas equipas, das quais uma apenas opôs valores equilibrados; quatro outras estafetas «individuais», se a designação pode ser permitida; um homem a lançar o cardo, outro a saltar barreiras, dois no triplo salto e três pequenas do mesmo clube num percurso também com barreiras, é pobre, é pobríssimo para uma jornada de competição atlética.

O público insurgiu-se e teve carradas de razão, mas ouvimos alguns doestos desagradáveis aos atletas inocentes, ao passo que os dirigentes culpados escaparam quasi sem o acolhimento que mereciam.

Vejamos calmamente, porque os acusa: toda a gente sabe que o atletismo em Lisboa sofre da enorme disparidade de valores entre as equipas dos clubes praticantes; o Benfica tem equipa forte e numerosa, bastante para tudo, mas os outros clubes atravessam crise evidente, porque não suberam ou não puderam — ambas as hipóteses são possíveis — acompanhar o desenvolvimento do actual campeão.

Em tais circunstâncias, qualquer programa especial, como o desta última jornada, deve ser cuidadosamente elaborado, tendo apenas em vista as possibilidades gerais do momento e nunca as conveniências ou vantagens da força principal. Essa, poderá e deverá estar sempre presente; o bom senso e a inteligência consistem em preparar as coisas de modo que haja sempre quem a possa acompanhar em condições de interesse para a assistência.

A direcção da A. A. L., se quisesse agir a bem dos interesses de propaganda do desporto que lhe foi confiado, chamava a uma reunião prévia os orientadores dos clubes filiados e estudava com eles a colaboração que cada um poderia prestar à sua iniciativa. Isto de confiar os destinos complexos de uma modalidade ao poder ditatorial de um só, leva a fiascos como este.

O fiasco de domingo foi agravado ainda por ausências inexplicáveis, ou cuja explicação é preferível não investigar; o Belenenses e o Sporting propuseram a inclusão, no primitivo programa da jornada, das únicas provas em que poderiam oferecer luta de emoção ao seu fortíssimo adversário, a corrida de barreiras (onde Fernando Ferreira tinha excelente oportunidade para assaltar um «record» que quasi atingira) e a estafeta de 3x100 metros, cujo «record» a luta equilibrada entre sportingistas e benfiquistas podia derrubar. Em ambas as provas falhou o propósito, porque António Pereira e o terceto leonino correram sózinhos; os três corredores «encarnados» chegaram a baixar ao campo mas receberam ordem de recolha...

O triplo-salto era uma prova que nada justificava; e porquê três estafetas juniores numa altura do ano em que os juniores já acabaram a sua preparação ou já passaram à categoria superior?

O Sporting, por exemplo, aíroveitou para a equipa de 4x800 metros dois dos seus juniores de 3x700 metros, um dos quais correu ainda os 1500 metros. Isto previa-se facilmente, ou averiguava-se se tivesse havido espírito de previsão e fazia-se desaparecer

do programa uma prova de ante-mão comprometida.

Mau sistema; mau sistema e péssimos dirigentes aqueles que põem a sua influência ao serviço de visões restritas, passando sem considerações por cima dos legítimos interesses do pobre atletismo e do público tributário.

Rectificações e resultados

Sobre os resultados de domingo pouco há a comentar. A única prova animada foi a estafeta de 4x200 metros, na qual o Benfica ficou perto do «record» (imperdoável o deslize do anúncio do «record» batido); com as suas melhores equipas e em boa pista, Benfica e Sporting podem, de facto, conseguir a proeza. Nos 3x100 metros, a transmissão Nuncio-Lourenço comprometeu o resultado, mas este nunca superaria o alvejado «record» porque o traçado das pistas é muito apertado e a falta de adversário influi no esforço dos corredores.

Alcide ficou a 0,092 do «record», Rodrigues esteve em dia infeliz e só num lançamento ultrapassou os 45 metros e Pereira terminou o percurso em marcha retardada, depois de derrubar o segundo, quinto e sétimo obstáculos e desequilibrar-se num toque na nona barreira.

Os benfiquistas ganharam sem dificuldade e em tempos modestos as outras duas estafetas de campeonato; as raparigas do Sporting ganharam a sua estafeta, mas as do Belenenses deram-lhes excelente réplica.

A propósito de provas femininas queremos rectificar um lapso de legenda no passado número da «Stadium»; a saltadora em comprimento apresentada é de facto a vencedora da prova, mas o seu nome é Maria de Sousa.

E já que estamos em maré de rectificações, outra ainda: a classificação da prova de 800 metros inserta em «Os Sports» e alguns diários vem incompreensivelmente deturpada, pois se sumiram da lista dois sportingistas que nas folhas oficiais do júri ocupam o 4.º e o 7.º lugares. A verdadeira ordem de chegada, que nos foi fornecida pelo júri árbitro do campeonato, é como segue: 1.º Matos Fernandes (Benfica); 2.º João Jacinto (Sporting); 3.º Jorge Azevedo (B); 4.º Francisco Ferreira (S); 5.º Alberto Afonso (Atlético); 6.º Adriano Gomes (B); 7.º Manuel Campos (S); 8.º Herlander Paixão (B).

Para que conste.

O MARIA PIA

prestou homenagem aos seus jogadores

O facto é já tradicional. O Maria Pia Sport Clube, no final de cada temporada, presta homenagem aos atletas que o representaram. Para isso os reúne num almoço de confraternização, mostrando assim quanto aprecia a sua dedicação pelo clube, o seu desportivismo, tantas vezes pôsto à prova, o seu amorosismo, puro e desinteressado, todas as qualidades, enfim, que enobrecem e dignificam os desportistas e que são, realmente, atributos de todos quantos representam essa simpática colectividade que é o Maria Pia Sport Clube.

O Maria Pia aproveitou a oportunidade para entregar, a dois dos seus jogadores de «basket-ball», agora promovidos a guardas-marinhas, uma medalha de recordação da sua passagem pelo clube.

Perdiu ao almoço o nosso prezado amigo sr. Cunha Martins, presidente da direcção do clube. A seu lado sentaram-se os nossos companheiros de trabalho Lança Moreira e Abreu Torres e o nosso prezado camarada Dias Pereira.



Ferreira, Eleutério, Cerveira e Raposo, do Benfica, cuja equipa venceu a estafeta de 5×200 metros na última jornada dos regionais de seniores de atletismo

(foto C. Madeira)